

ECOLOGIA DE CONTATO DE LÍNGUAS À LUZ DA TEORIA ECOLÓGICA DE PRESSÕES EM DACAR

Djiby Mane (UnB)

Abstract: As a linguistic mosaic, Senegal is an example of complex linguistic ecologies. In Senegalese territory, there are languages of different status, with a super-central language (French, the official language), central languages used in the media and in bilingual education, and peripheral languages used only in contexts of intra-ethnic interaction. As for the central languages, only Wolof seems to be widely spoken nationwide, especially in the large cities (Dakar, for example), to the detriment of the others. Using a qualitative methodology with the application of a questionnaire via Google Forms and in compliance with the language ecology theory of Couto (2007) and Calvet (1987, 2004, 2005, 2021) and the pressure ecology theory of Terborg, Velazquez & Trujillo (2021) and Trujillo Tamez & Terborg (2009), the present study analyzes the pressures of Wolof on minority languages in Dakar, the administrative and economic capital of Senegal. It is concluded that, despite being threatened by Wolof in Dakar, minority languages remain vital in their natural niches – in the interior of the country –, where they are characterized by the P-T-L tripod, that is, a population living in their territory and interacting through their own language.

Key-words: Complex linguistic ecology; Pressions ecology theory; Super-central language; Peripheral languages; Senegal; Wolof.

Resumo: Por ser um mosaico linguístico, Senegal é um exemplo de ecologias linguísticas complexas. No território senegalês têm-se línguas de diferentes *status*, sendo uma língua supercentral (francês, língua oficial), as línguas centrais utilizadas na mídia e na educação bilíngue e as línguas periféricas utilizadas apenas em contextos de interação intraétnica. No tocante às línguas centrais, apenas o wolof parece ser de difusão nacional, sobretudo, nas grandes cidades (Dacar, por exemplo), em detrimento das demais. Fazendo uso de metodologia qualitativa com aplicação de questionário via *Google Forms* e em observância à teoria da ecologia das línguas de Couto (2007) e Calvet (1987, 2004, 2005, 2021) e à *teoría de ecología de presiones* de Terborg, Velazquez & Trujillo (2021) e Trujillo Tamez & Terborg (2009), o presente estudo analisou as pressões do wolof sobre as línguas minoritárias em Dacar, capital administrativa e econômica do Senegal. Concluiu-

se que, apesar ameaçadas pelo wolof em Dacar, as línguas minoritárias continuam vitais em seus nichos naturais – no interior do país –, onde são caracterizadas pelo tripé P-T-L, ou seja, população morando em seu território e interagindo por meio de uma linguagem própria.

Palavras-chave: Ecologias linguísticas complexas; Teoria de ecologia de pressões. Línguas centrais; Línguas periféricas; Senegal; Wolof.

1. Considerações iniciais

Dacar, capital do Senegal, assim como grande parte das cidades africanas, possui um mosaico linguístico, com línguas de diversos *status*, sendo uma língua oficial (servindo de instrumento de comunicação dentro e fora dos limites territoriais e socioculturais da sua comunidade de origem) e as demais, entre as quais, as línguas nacionais (veiculares usadas na alfabetização e educação bilíngue) e as línguas vernáculas (faladas no seio familiar). Tais línguas referem-se, conforme o modelo gravitacional de Calvet (2016), às línguas supercentrais (francês, árabe), centrais (wolof, serer, fula, mandinga, diola) e periféricas, em geral, consideradas minoritárias.

A urbanização desenfreada em Dacar, aliada à falta de investimento estatal nas demais regiões, têm levado as pessoas a migrarem para essa capital, provocando o contato de povos diferentes com suas respectivas línguas e culturas (SENEGAL, 2022).

Capital política, econômica, administrativa e cultural do Senegal desde a independência do país em 1960, Dacar concentra 80% das empresas industriais e comerciais e, aproximadamente, um quarto da população total do país, ou seja, um total de 4.042.225 habitantes (SENEGAL, 2022).

Diante dessa situação de contato de línguas em centros urbanos como Dacar, algumas línguas como, por exemplo, o wolof, são mais utilizadas em relação às demais, o que acaba gerando um problema na escolha da língua de interação, sobretudo, em famílias exogâmicas. Tal situação competitiva leva uma língua a ser um lobo para as demais. Assim, em suas famílias, muitos falantes nativos de certas línguas minoritárias só falam wolof e/ou francês com seus filhos em detrimento de suas línguas maternas.

Urge ressaltar que o futuro de uma língua depende muito do valor que seus falantes em geral e, em particular, os mais jovens, lhe atribuem. Assim sendo, é importante refletir sobre os perigos que as línguas minoritárias correm. O presente estudo tem por objetivo analisar as pressões que sofrem as línguas minoritárias em Dacar, em relação ao wolof, falado local, regional, nacional e transnacionalmente.

Para a realização da empreitada, fez-se uso da metodologia qualitativa com a aplicação de questionário via *Google Forms*, tendo como partícipes famílias senegalesas morando em Dacar. No tocante à fundamentação teórica, foram de fundamental importância os autores Couto (2007), Calvet (1987, 2004, 2005, 2021), Terborg, Velazquez & Trujillo (2021), Trujillo Tamez & Terborg (2009) e Kremnitz (1981).

No que segue, busco abordar, além das considerações iniciais e finais, a ecologia das línguas, o ecossistema linguístico do Senegal, a metodologia da pesquisa e a análise dos dados coletados via questionário.

2. Bases teóricas

2.1. Ecologias de Línguas

Por se tratar de analisar as pressões que sofrem as línguas minoritárias em Dacar, urge entender a ecologia de línguas¹ nessa região norte do Senegal.

Formada por pessoas oriundas das diferentes regiões do país, Dacar constitui uma ecologia linguística complexa, que se refere, por um lado, ao bilinguismo e multilinguismo e, por outro lado, à língua padrão, dialetos e linguagens especiais (COUTO, 2007).

O bi/multilinguismo – também chamado de ecologia linguística complexa² ou glotodiversidade – no mundo significa que as línguas estão em contato constante. O contato de línguas é um fenômeno que pode ser encontrado em uma região ou em um país, ou mesmo entre indivíduos que vivem em um ambiente bi- ou multilíngue. Assim, nenhum país do mundo, nenhuma comunidade possui homogeneidade linguística. Pelo contrário, dada a multiplicidade de línguas, o multilinguismo é a norma. Mesmo os ambientes aparentemente monolíngues estão sujeitos às variações dialetais ou socioletais.

O contato de línguas nunca se dá entre sistemas linguísticos abstratos e desencarnados. Na realidade, são falantes de línguas diferentes com suas respectivas línguas que, através das suas competências bilíngues ou multilíngues, das suas práticas e das suas interações (sociais e

¹ Diz respeito “[...] às migrações de populações, provocando contato de povos e respectivas línguas mutuamente inteligíveis” (COUTO, 2007, p. 281).

² “Um domínio político (*polity*), um estado, que delimita determinado espaço (no qual convivem diversas línguas) como sendo o seu território” (COUTO, 2007, p. 281).

linguísticas), são os “lugares” e os atores do contato linguístico, ou seja, o contato de línguas ocorre somente entre indivíduos em situação de interação.

As ecologias linguísticas complexas, caracterizadas pela convivência de várias línguas de *status* diferentes em um mesmo território, geram pressões entre as línguas, resultando em um fenômeno de expansão de algumas e ameaça de extinção de outras. Diante das situações de pressões, o destino de todas as línguas, sejam elas oficiais/supercentrais, veiculares/centrais ou de menor difusão (vernáculos/periféricas), depende de um certo número de fatores, incluindo as necessidades linguísticas das populações para o seu desenvolvimento e as funções sociais, econômicas, culturais e geográficas desempenhadas por essas línguas.

2.2. Fatores de contato e expansão de línguas

Existem vários fatores de expansão das línguas, resultantes do contato de povos diferentes com suas respectivas línguas e culturas em um determinado território, situação em que Calvet (1987) identifica seis fatores, quais sejam: 1) geográfico; 2) urbano; 3) econômico; 4) religioso; 5) militar; 6) político. No presente estudo dedica-se especial atenção aos fatores geográfico, demográfico e econômico.

2.2.1. O fator geográfico

O contato de línguas pode ter causas geográficas. Por exemplo, nas fronteiras de duas comunidades linguísticas, os indivíduos podem ser obrigados a deslocar-se e utilizar a sua língua materna, por vezes, a da comunidade vizinha.

A cidade é um lugar de mistura de línguas onde surgiria uma língua *ad hoc*, respondendo a uma necessidade veicular, ou a língua local dominante, no intuito de satisfazer a interação interétnica, como aponta Calvet (2021, p. 343):

[...] o papel unificador da cidade que funciona como uma bomba sugando o multilinguismo e cuspidando o monolinguismo. E, a nível nacional, é na maioria das vezes a capital que unifica o país em torno da sua língua ou da sua forma linguística regional³.

³ No original francês: "Ce qui frappe le plus dans l'ensemble de ces études est qu'elles font apparaître le rôle

A cidade é, por excelência, uma ecologia de contato de línguas que tende a desempenhar um papel unificador, isto é, o papel de homogeneizar as línguas. Em situações de ecologias linguísticas complexas, em geral, surge uma língua de uso interétnico. Por exemplo, em Dacar, o Wolof é uma língua franca, utilizada nas interações entre as populações, mas é também a língua franca em nível.

Estruturalmente, a cidade se opõe à aldeia, uma vez que aquela representa uma forma elementar e primária de um espaço social estruturado. Do ponto de vista linguístico, tem-se uma tendência a um desequilíbrio entre a cidade (multilinguismo/ecologia linguística complexa) e a aldeia (monolinguismo/ecologia linguística simples).

É importante ressaltar que a oposição cidade *versus* vilarejo não pode ser resumida à dicotomia multilinguismo e monolinguismo, uma vez que em muitas cidades pequenas coexistem duas ou mais línguas devido ao seu caráter bi/pluriétnico. Além disso, os vilarejos são geralmente porosos à circulação de populações vizinhas, podendo, assim, compreender e até falar línguas diferentes das suas. Logo, tanto a cidade como o vilarejo podem ser exemplos de ecologias linguísticas complexas.

2.2.2. O fator demográfico

Nas variáveis referentes ao fator demográfico, o número de falantes de uma língua constitui um fator determinante no poder dessa língua. Além disso, a capacidade de absorção de forças migratórias e a distribuição das línguas no espaço são aspectos de fundamental importância.

Dacar é uma região wolófona, ou seja, nele predomina o uso do wolof, falado por mais de 80% da população senegalesa. É a cidade mais populosa do país, com aproximadamente um quarto da população do país, perfazendo um total de 4.042.225 habitantes (SENEGAL, 2022). Tal densidade populacional se deve à migração de indivíduos de diferentes origens, principal motivo da coexistência de várias línguas na cidade, pois, para lá transportam suas línguas, acarretando um espaço urbano caracterizado pela pluralidade linguística e populacional.

unificateur de la ville qui fonctionne comme une pompe aspirant du plurilinguisme et recrachant du monolinguisme. Et, à l'échelon national, c'est le plus souvent la capitale qui unifie le pays autour de sa langue ou de sa forme linguistique régionale" (CALVET, 2021, p. 343).

2.2.3. O fator econômico

A população de Dacar tem aumentado constantemente pela chegada de habitantes de todas as regiões do Senegal, pelas ondas de migração e pelas políticas geográficas do país (CALVET, 2021).

[..] as cidades aumentaram em número e em população, e continuarão a aumentar, segundo as previsões, sobretudo nas zonas mais ricas em línguas (na África, na Ásia), que constituem locais de contato e de conflitos: atraem pessoas rurais ou provincianas que vêm para ganhar a vida e muitas vezes perdem suas línguas ao longo de algumas gerações⁴ (CALVET, 2021, p. 342).

Sem dúvida, a cidade é um espaço de convivência e hierarquia social e espacial de populações e locais de contato de línguas e variedades linguísticas. Assim, devido à sua função política e econômica, Dacar, como a maioria das grandes cidades do mundo, funciona como polo de atração de migrantes em busca de melhor situação de vida.

Em Dacar, uma região wolófona do Senegal, houve uma mudança na ecologia das línguas com a chegada de fluxo migratório, quer a trabalho para os funcionários estatais, quer à procura de emprego, acarretando o contato com as populações das diversas regiões do país com suas respectivas línguas.

Das 14 regiões administrativas do Senegal, Dacar representa 46% da atividade econômica do país. Tal cenário tem mudado com a chegada do atual governo eleito em março de 2024, ao criar oito polos econômicos, no intuito de não somente diminuir e evitar os fluxos migratórios para Dacar, mas também de gerenciar e explorar os recursos e as potencialidades de cada polo.

2.3. Modelo ou teoria da ecologia de pressão

Em Dacar, diversas línguas vernáculas sobrevivem ao lado das principais línguas de comunicação (wolof e francês). Tal pluralidade linguística se dá pela riqueza linguístico-cultural

⁴ No original francês: “Depuis lors, les villes ont augmenté en nombre et en population, et continuerons d’augmenter, selon les prévisions, en particulier dans les zones les plus riches en langues (en Afrique, en Asie), qui constituent donc des lieux de contacts et de conflits: elles attirent des ruraux ou des provinciaux qui viennent à la fois y gagner leur vie et souvent y perdre en quelques générations leurs langues” (CALVET, 2021, p. 342).

ECO-REBEL

do Senegal, pela única condição de as populações minoritárias utilizarem, além da sua língua materna, o Wolof em quase todo o território nacional.

Em uma situação de ecologias linguísticas complexas, como Dacar, as línguas competem entre si, acarretando as pressões de uma língua política, econômica, social e geograficamente majoritária sobre as línguas consideradas minoritárias. Sobre a questão, Terborg, Velázquez & Trujillo (2021, p. 30) asseveram:

O contato de línguas cria relações heterogêneas e conflitos entre falantes de línguas conhecidas como majoritárias e de prestígio *versus* línguas minoritárias e ameaçadas. Fenômenos desvantajosos para os falantes são percebidos na língua e ao mesmo tempo provêm da língua, pois podem impactar fenômenos desvantajosos, o que faz com que eles aumentem. Desta forma, os fenômenos desvantajosos e o enfraquecimento da linguagem formam um círculo vicioso numa ecologia como um sistema complexo⁵.

A dicotomia línguas majoritárias-línguas minoritárias é uma relação de poder entre pessoas (P) em situação de contato com suas respectivas línguas (L) em um território (T). Tal fenômeno é perceptível em grandes cidades de muitos países da África, onde, pela falta de investimento de alguns governos no interior, as capitais acabam se tornando ponto de atração em detrimento das pequenas cidades, favorecendo o contato de povos advindos das mais diferentes regiões. Com o tempo, as línguas minoritárias acabam sendo engolidas pelas majoritárias devido às pressões, como, por exemplo, em Dacar, onde todos se identificam como wolof, língua dominante na cidade.

As pressões mostram-se como um dos resultados do contato de línguas, que se caracteriza pela competição revelada ou não de duas ou mais línguas em um mesmo território. São algo atualmente perceptível no continente africano, onde um grande número de línguas que, no entanto, resistiram à colonização, se encontram ameaçadas por certas línguas africanas (majoritárias), como, por exemplo, o wolof do Senegal, falado nacional e transnacionalmente. A esse respeito,

⁵ No original francês: “*El contacto de lenguas crea relaciones heterogéneas y conflictos entre los hablantes de lenguas denominadas como mayoritarias y de prestigio contra minoritarias y amenazadas. Los fenómenos en desventaja para los hablantes se perciben en la lengua y al mismo tiempo viene de la lengua, ya que pueden repercutir en fenómenos poco ventajosos, lo que causa que estos se incrementen. De esta forma los fenómenos desventajosos y el debilitamiento de la lengua forman un círculo vicioso en una ecología como sistema complejo*” (TERBORG; VELÁZQUEZ; TRUJILLO, 2021, p. 30).

ECO-REBEL

Calvet (2004, p. 288) afirma que “[...] a cidade, e em particular a capital, é uma grande devoradora de línguas, atrai pessoas rurais ou provincianas que vêm tanto para ganhar a vida quanto para perder suas línguas em algumas gerações”⁶.

O wolof é tão “perigoso” para as línguas “minoritárias” como o inglês (hipercentral) ou o francês (supercentral), porque não é considerada uma “língua estrangeira” e tem o prestígio das grandes línguas africanas, encontradas, em geral, nas grandes cidades.

Quando povos diferentes com suas respectivas línguas entram em contato em um determinado espaço geográfico, os grupos minoritários acabam sofrendo pressões do(s) grupo(s) majoritário(s).

Para analisar as pressões linguísticas, Trujillo Tamez & Terborg (2009, p. 128) criaram o modelo da ecologia de pressão, que “[... nos permite explicar como as línguas podem estar numa relação equilibrada (manutenção da língua) ou desequilibrada (deslocamento)”⁷.

Em situações de ecologia de contato de línguas, tem-se uma competição entre as línguas, em que de cada uma tenta se impor. Em tal ação, a relação de desequilíbrio se dá quando os falantes mantêm suas línguas maternas, ao passo que a relação desequilibrada ocorre quando alguns falantes abandonam suas línguas em favor da língua dominante política, econômica, cultural, social e geograficamente.

O modelo da ecologia de pressão (TERBORG, 2006) se assemelha à “guerra de línguas” (CALVET, 1981), pois, ambas expressões constituem uma metáfora conveniente, porque as próprias línguas não podem fazer a guerra nem as pressões. Nesse caso têm-se falantes de línguas diferentes que competem entre si, gerando relações conflitantes através das relações entre as suas línguas.

De acordo com Kremnitz (1981, p. 65-66):

Há um conflito linguístico quando duas línguas claramente diferenciadas se chocam, uma como politicamente dominante (emprego oficial, emprego público) e outra como politicamente dominada. As formas de dominação

⁶ Do original: “[...] *la ville, et en particulier la capitale, est une grande dévoreuse de langues, elle attire des ruraux ou des provinciaux qui viennent à la fois y gagner leur vie et y perdre en quelques générations leurs langues*” (CALVET, 2004, p. 288).

⁷ No original francês: “[...] *permite explicar cómo las lenguas pueden estar en una relación equilibrada (mantenimiento de la lengua) o desequilibrada (desplazamiento) [...]*” (Trujillo Tamez; Terborg, 2009, p. 128).

ECO-REBEL

vão desde aquelas que são claramente repressivas [...] até aquelas que são politicamente tolerantes e cuja força repressiva é essencialmente ideológica [...].⁸

De fato, em situação de conflito linguístico, as línguas surgem como símbolos de dominação política, econômica, social e cultural. Assim, tanto a “guerra das línguas” quanto a “ecologia das pressões” ilustram a questão do conflito linguístico.

3. Contexto metodológico do estudo

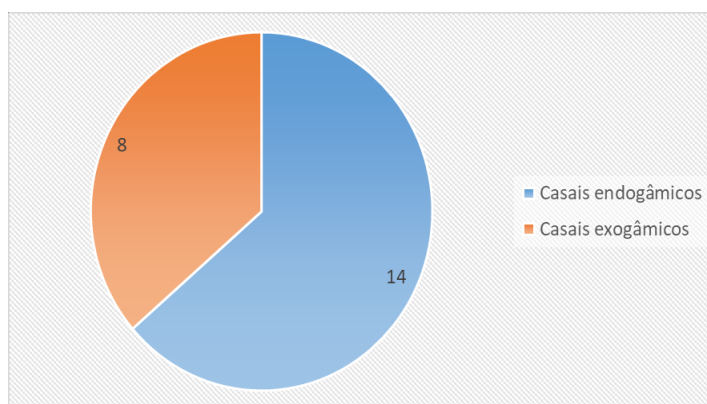
A metodologia aqui adotada é de cunho qualitativo que, segundo Creswell (2010, p. 26), “[...] é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”. Assim, a pesquisa qualitativa é constituída por práticas de linguagem, discursos em várias línguas, tipos e vários gêneros, orais e escritos (ordinário, profissional, literários etc.).

O estudo foi realizado na cidade de Dacar – capital administrativa e econômica do Senegal. É a cidade mais importante do país em nível político, econômico e comercial, constituindo, por isso, o principal receptáculo da migração das populações, onde se encontram todos os representantes dos diferentes grupos étnicos do país.

Foram escolhidas famílias residentes em Dacar, quer tenham aí nascido, quer para tenham migrado e constituído família, sendo identificados dois tipos de casais, a saber: 1) endogâmico (quando os cônjuges são da mesma etnia) e 2) exogâmico (quando os cônjuges são de diferentes etnias), conforme evidencia o gráfico 1, a seguir.

⁸ No original francês: “*Il y a conflit linguistique quand deux langues clairement différenciées s'affrontent, l'une comme politiquement dominante (emploi officiel, emploi public) et l'autre comme politiquement dominée. Les formes de la domination vont de celles qui sont clairement répressives [...] jusqu'à celles qui sont tolérantes sur le plan politique et dont la force répressive est essentiellement idéologique [...]*” (KREMnitz, 1981, p. 65-66).

Gráfico 1 – Casais pesquisados



Fonte: elaboração própria.

Foram entrevistadas 22 famílias em diferentes grupos étnicos senegaleses morando em Dacar, compostas por 14 casais endogâmicos e quatro exogâmicos para a observação de práticas linguísticas. Tais casais pertencem a nove grupos étnicos, quais sejam: 1) balanta; 2) bambara; 3) diola; 4) fula; 5) mandinga; 6) manjaco; 7) serer; 8) soninké; 9) wolof.

A pesquisa se deu de modo *online*, em forma de autoavaliação, entre setembro e outubro de 2024, fazendo uso de questionário contendo nove questões, abordando as dimensões social, linguística, interativa, contextual e avaliativa. Todas as questões foram fechadas, para facilitar a participação na pesquisa e na análise dos dados. O questionário foi aplicado via Google Forms.

4. Resultados e discussão

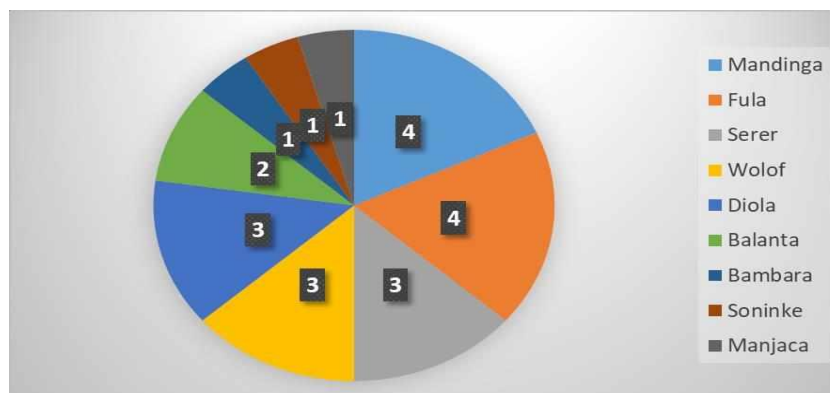
A seguir, têm-se os dados obtidos via questionário contendo nove perguntas aplicado a 22 famílias senegalesas que vivem em Dacar, capital do Senegal. Trata-se da apresentação dos resultados da pesquisa bem como da discussão deles.

4.1. Resultados

Na pergunta 1 (Qual a sua etnia?), das 22 famílias, quatro famílias se declararam mandinga e fula; três famílias se declararam serer, wolof e diola; duas famílias se declararam balanta; uma família cada se declarou bamabra, soninké e manjaca, como atesta o gráfico 2, a seguir.

ECO-REBEL

Gráfico 2 – Grupos étnicos das famílias pesquisadas

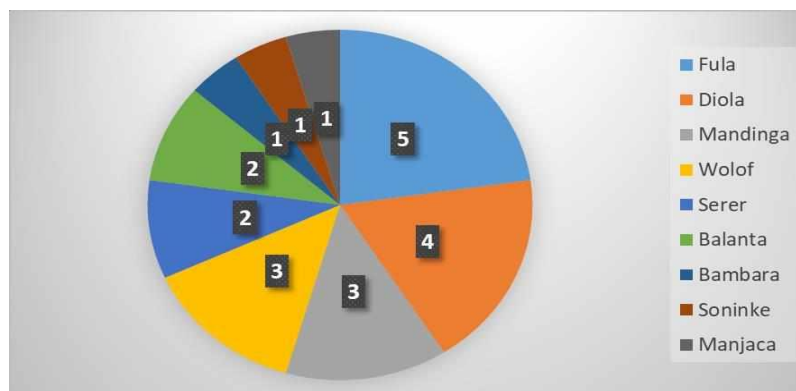


Fonte: elaboração própria.

A maior percentagem de mandingas e fulas se deve ao fato de serem grupos étnicos conservadores, que preferem casamentos endogâmicos.

Em relação à pergunta 2 (Qual a etnia do seu cônjuge?), o gráfico 3, a seguir, aponta que cinco casais afirmaram a condição fula; quatro casais afirmaram a condição diola; três casais afirmaram as condições mandinga e wolof; dois casais afirmaram as condições serer e balanta; um casal cada afirmou as condições bambara, soninké e manjaca.

Gráfico 3 – Etnia do cônjuge

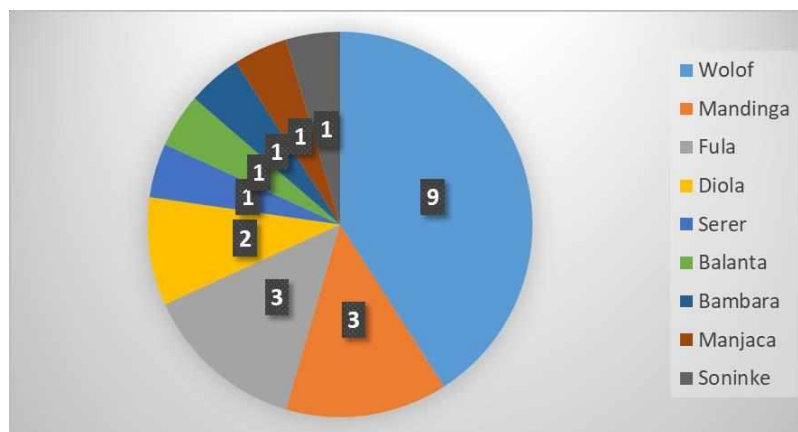


Fonte: elaboração própria.

A pergunta 2 possibilitou perceber os tipos de casais supracitados, sendo fula, diola, mandinga e balanta, presentes entre os casais endogâmicos em relação aos demais grupos étnicos.

Na pergunta 3 (Que língua(s) vocês falam em família?), os dados no gráfico 4, a seguir, evidenciam que os casais endogâmicos não falam necessariamente suas línguas maternas em casa.

Gráfico 4 – Língua falada em família



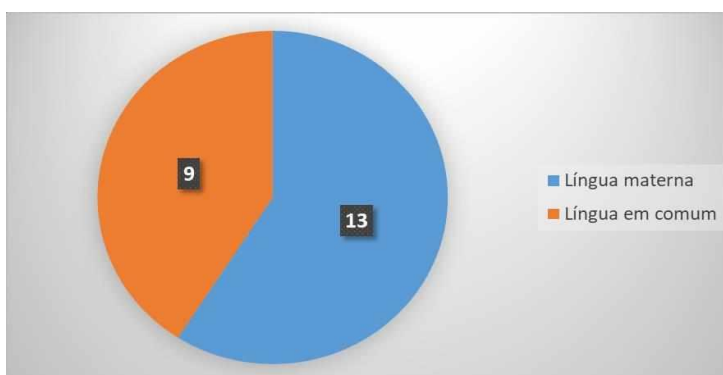
Fonte: elaboração própria.

Dessas famílias, nove falam wolof em casa, três falam mandinga e fula, duas falam diola, e uma família cada fala balanta, bambara, manjaco e Soninké.

Por ser o Wolof uma língua franca, as demais línguas acabam tendo dificuldades para se estabelecerem na comunicação social, sobretudo, em Dacar, o que caracteriza um problema geral da gestão linguística nas áreas urbanas. N capital, especialmente a maioria etnolinguística apresenta alguma tendência a abandonar a sua língua materna em favor do wolof (língua veicular), tendência em casais exogâmicos.

Para justificar sua motivação sobre a língua falada em casa, tem-se a pergunta 4 (Quais os motivos que o levam a tal escolha?), onde o gráfico 5, a seguir, evidencia que 13 casais afirmaram que é a sua língua materna e nove casais afirmaram que é a única língua que eles têm em comum.

Gráfico 5 – Motivos sobre a escolha da língua falada em família



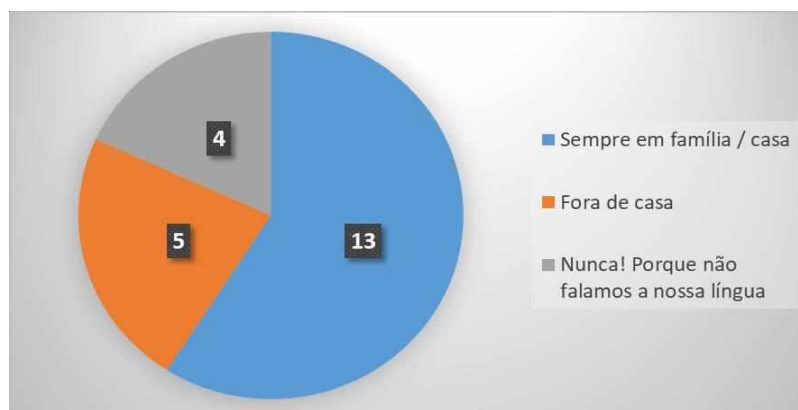
Fonte: elaboração própria.

ECO-REBEL

Para casais endogâmicos, por exemplo, as pessoas preferem falar a sua língua materna em casa, no intuito de preservá-la, como é o caso das línguas wolof, fula, diola e balanta. Mesmo assim, eles acabam fazendo uso do wolof. Quanto aos casais exogâmicos, eles recorrem mais ao wolof para se comunicar. Assim, as respostas à pergunta 4 evidenciam a manutenção da comunicação em wolof em grande parte das famílias.

Em resposta à pergunta 5 (Quando você fala sua língua materna?), o gráfico 6, a seguir, evidencia que 13 casais afirmaram falar sua língua materna em casa por serem endogâmicos; cinco casais fazem uso da língua materna fora de casa, como, por exemplo, em encontros com familiares; e, quatro casais afirmaram nunca fazer uso da língua materna em casa por serem casais exogâmicos ou por não falarem a mesma língua (os casais exogâmicos tendem a falar wolof por ser a língua veicular na capital).

Gráfico 6 – Frequência no uso da língua materna

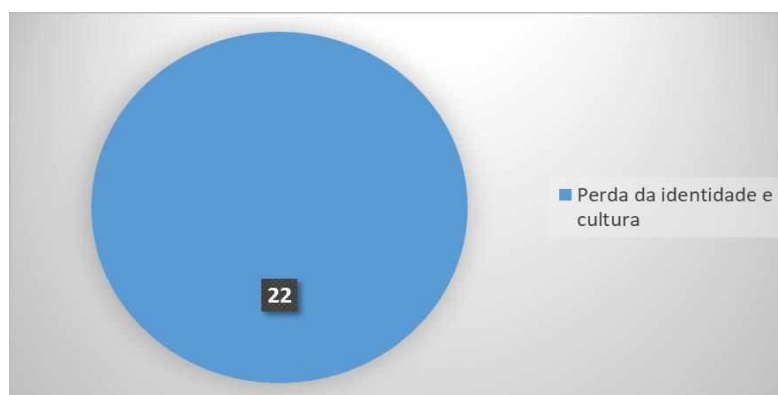


Fonte: elaboração própria.

Para a pergunta 6 (O que você acha que perde por não falar sua língua materna?), tanto os casais endogâmicos quanto os exogâmicos ressaltaram, conforme o gráfico 7, a seguir, trataram da importância de se falar a língua materna, enfatizando a relação língua-cultura, uma vez que a perda de uma língua implica a perda da cultura, isto é, da identidade.

ECO-REBEL

Gráfico 7 – Preservar a materna

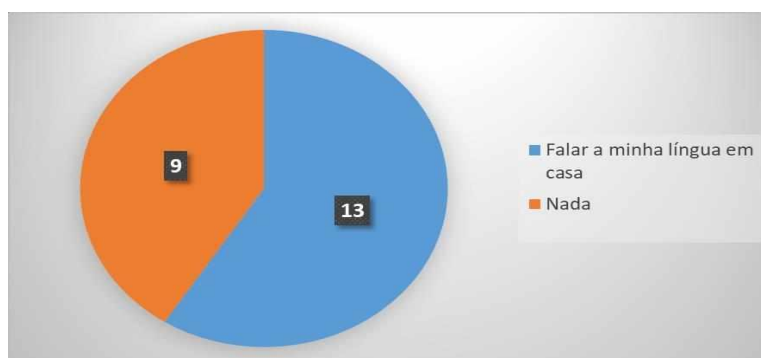


Fonte: elaboração própria.

Ante o exposto, tal perda é nítida para os casais exogâmicos, que acabam optando por falar uma língua que não é a sua, prejudicando a sua e preservando a outra (no caso, em geral, o wolof). Quem não fala sua língua, corre o risco de perdê-la, bem como a cultura envolvida.

Na pergunta 7 (O que você está fazendo para que sua família fale sua língua materna?), o gráfico 8, a seguir, evidencia que 13 casais afirmaram falar sua língua materna em casa, ao passo que nove casais afirmaram que não estão fazendo nada a respeito, ou seja, não falam a sua língua materna.

Gráfico 8 – Solução para falar sua língua materna



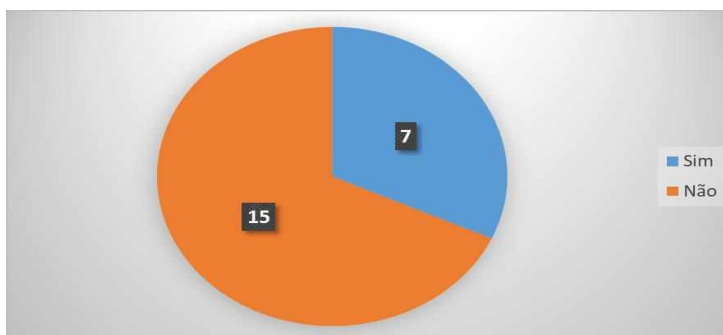
Fonte: elaboração própria.

Ante o exposto, os 13 casais endogâmicos supracitados afirmaram falar a sua língua materna em família, para mantê-la viva. Já os nove casais exogâmicos afirmaram não falar a língua materna pela falta de domínio da mesma ou por não a ter em comum.

ECO-REBEL

No tocante à pergunta 8 (Você está ciente do desaparecimento da sua língua materna?), o gráfico 9, a seguir, atesta que sete casais afirmaram ter consciência da possível extinção de sua língua materna, uma vez que não a falam, ao passo que 15 casais se manifestaram pela impossibilidade do desaparecimento da língua materna, uma vez que fazem uso dela em casa.

Gráfico 9 – Consciência sobre a possível extinção da língua materna

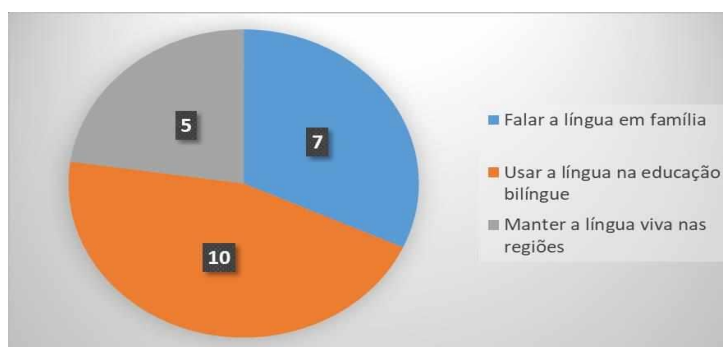


Fonte: elaboração própria.

Ante o exposto, para aqueles que falam sua língua materna em casa e a ensinam aos seus filhos, apesar da morte de uma língua ser um fenômeno natural, sua língua não corre risco de morte, ou seja, independentemente de sua vitalidade, assim como os seres humanos, toda língua está sujeita à morte.

Uma vez que grande parte dos partícipes da pesquisa manifestou preocupação com a extinção das línguas nas perguntas anteriores, na pergunta 9 (Que soluções recomenda para salvaguardar a sua língua materna?), o gráfico 10, a seguir, evidencia que sete casais afirmaram que a solução para proteger suas línguas é falá-la em família; 10 casais afirmaram que ela precisa ser utilizada na educação bilíngue; três casais se manifestaram pela manutenção dessas línguas nas regiões onde são faladas, isto é, melhor observância dos nichos ecolinguísticos fora de Dacar, que se caracterizam pelo tripé PTL (povo, território e língua).

Gráfico 10 – Solução para salvaguardar a língua materna



Fonte: elaboração própria.

4.2. Discussão

Historicamente e, ainda hoje, em algumas cidades senegalesas, dentro de cada grupo étnico ou de cada família, a pertença a uma determinada comunidade tem por base a língua vernácula, que cumpre os objetivos de integração e reconhecimento da identidade comunitária. Em tempos passados, as línguas veiculares ou francas somente eram utilizadas em contextos extrafamiliares, ou seja, quando o indivíduo já não lograva interagir em sua língua materna e/ou na língua do outro.

Devido à migração de indivíduos para os grandes centros urbanos, como, por exemplo, Dacar, tem-se a mudança na realidade, uma vez que as línguas vernáculas já não aparecem sempre na vanguarda das línguas maternas. As crianças urbanas estão cada vez mais adquirindo o wolof como sua primeira língua. Elas não têm mais a língua dos pais como primeira língua, mesmo quando o casal é endogâmico.

O wolof geralmente é reservado para certos domínios de predileção, aqueles relacionados ao poder: administração, escola (educação bilíngue), comércio, política e nas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICS). As demais línguas (minoritárias) são geralmente destinadas às comunicações individuais, na família. Elas podem até ser legalmente reconhecidas com certos privilégios como línguas nacionais ao lado do wolof, como, por exemplo, eiola, fula, mandinga e serer, utilizadas na educação bilíngue, mas essa igualdade não é traduzida na prática.

Utilizado como instrumento de poder, o wolof impõe a unificação linguística em Dacar, assim como em todo o território nacional senegalês. Tal política sempre correspondeu a um sentimento de superioridade dos falantes do wolof em relação às demais línguas, como atesta a

expressão “*lak kat la*” (é falante de outra língua), utilizada para se referir àquele que fala wolof com sotaque.

Diante de uma situação de ecologias linguísticas complexas (multilinguismo), como é o caso no Senegal, as línguas competem no mesmo espaço geográfico para chegar o mais próximo possível das ecologias linguísticas simples (unilinguismo).

Em Dacar, a língua dominante (wolof) tende a tornar-se única por ocupar todo o espaço, tanto na função de comunicação interpessoal como nas funções de identificação, promoção social e unidade nacional. Tal supremacia deve-se à “balança do poder” funcionar a seu favor por ser uma das principais línguas nacionais do Senegal.

Terborg, Velázquez & Trujillo (2021, p. 155) afirmam: “De acordo com a teoria da ecologia da pressão, quem detém o poder está em condições de exercer maior pressão. E esse poder é mais exercido em igreja, clínica, reunião comunitária e loja”⁹.

A presença do wolof se faz sentir em situações que detêm o poder como, por exemplo, nas mesquitas, nos hospitais (onde os médicos se dirigem aos pacientes em wolof), nas feiras, nos comércios onde a maioria dos comerciantes é falante de wolof ou o usam como língua comercial.

De acordo com as respostas obtidas na pergunta 3, muitas famílias se esforçam por transmitir o wolof dentro da família em detrimento de suas línguas maternas. Ao lado da língua wolof, as línguas fula e mandinga também são transmitidas pelos pais aos filhos em Dacar.

A cidade é, em essência, o lugar onde muitas pessoas entram em contato, com o que sua inter-relação levará a uma homogeneização das línguas utilizadas. Com a sua urbanização, o multilinguismo em Dacar está se tornando um monolinguismo, mesmo que artificial, uma vez que o wolof continua sendo a língua da interação inter e intraétnico.

A esse respeito, Calvet (2005, p. 25) afirma:

Depois da urbanização, a cidade se torna um lugar de unificação linguística. Mas também uma tendência de os falantes de línguas minoritárias cederem à pressão das línguas dominantes e deixarem de transmitir aos seus filhos línguas que consideram inúteis, especialmente nas cidades¹⁰.

⁹ Do original: “*De acuerdo con la Teoría de Ecología de Presiones, quien ostenta el poder está en condiciones de ejercer mayor presión: • Iglesia, Clínica, Reunión comunitaria y Tienda*” (Terborg; Velázquez; Trujillo, 2021, p. 155).

¹⁰ No original francês: “*L’urbanisation ensuite, la ville étant un lieu d’unification linguistique. Mais aussi une tendance des locuteurs de langues minoritaires à céder face à la pression des langues dominantes et à ne plus transmettre à leurs enfants des langues qu’ils estiment inutiles, surtout dans les villes*” (CALVET, 2005, p. 25).

ECO-REBEL

A preferência pelo uso do wolof em Dacar se deve ao fato de os falantes das demais línguas acabarem sofrendo uma pressão ligada à pressão socioeconômica de uma comunidade linguística dominante (wolof). Além disso, outras situações, como, por exemplo, os casamentos exogâmicos, desempenham papel importante no uso do wolof na família. Além disso, os casais endogâmicos que não residem em seu ambiente cultural tendem a adotar o wolof.

Em ecologias linguísticas complexas em grandes localidades como, por exemplo, Dacar, as línguas exercem pressões procurando se impor, isto é, cada uma tentando suplantar sua rival e inferiorizá-la. Se esta resistir, resulta em pressões porque é uma questão de vida ou morte. Por outro lado, se as línguas envolvidas em situação de contato reivindicarem um território exclusivo, a paz linguística parece provável, como é o caso de muitas línguas com nichos ecolinguísticos em outras regiões do país (Futa, conhecida como um território fulófono; Pacao, um território mandingófono; e, Balantacunda, um território balanta, por exemplo), assim como em países vizinhos ao Senegal (Gâmbia, Guiné Bissau, Mali e Mauritânia).

A língua materna pode estar ameaçada de extinção em Dacar, mas é importante ressaltar que grande parte das línguas senegalesas tem dois nichos: um nicho na capital, Dacar, que parece estar ameaçado, e outro nicho nas regiões, onde elas se mantêm em total vitalidade. Sobre a questão, Calvet (2005, p. 25) afirma:

Ou seja, estamos talvez a caminhar para a coexistência de dois tipos de nichos ecolinguísticos: por um lado, áreas multilíngues residuais na Melanésia e em áreas rurais africanas ou indianas e, por outro lado, cidades tendencialmente monolíngues que manifestam diferentes formas do que é hoje uma única língua¹¹.

É importante ressaltar que as línguas minoritárias em Dacar têm seus principais nichos ecolinguísticos nas demais regiões e cidades do interior do Senegal, onde se caracterizam pelo tripé P (populações), L (línguas) e T (território). Assim, nas respostas à pergunta 9, os participantes da pesquisa ressaltaram que suas línguas maternas não correm o risco de morte, uma vez que possuem nichos ecolinguísticos próprios.

¹¹ No original francês: “*C’est-à-dire que nous allons peut-être vers la coexistence de deux types de niches écolinguistiques: d’une part, des zones plurilingues résiduelles en Mélanésie et aussi dans des zones rurales africaines ou indiennes et, d’autre part, des villes tendanciellement monolingues manifestant des formes différentes de ce qui est aujourd’hui une seule langue*” (Calvet, 2005, p. 25).

5. Considerações finais

A ecologia de contato de línguas em Dacar possibilitou identificar o comportamento linguístico das populações. Com efeito, um estudo realizado com 22 casais destacou as pressões do wolof sobre as demais línguas naquela localidade.

Atualmente, Dacar apresenta-se como um espaço urbano multilíngue e multiétnico por excelência, ou seja, muitas línguas vernáculas coexistem e são transmitidas, ao mesmo tempo que competem com outras línguas de intercompreensão e integração na cidade (no caso, wolof, fula, diola, mandinga, serer, balanta etc.).

Diante dessa situação do contato de línguas, muitas línguas minoritárias enfrentam um problema real de transmissão dentro das famílias em Dacar, devido às pressões do wolof. Nesse sentido, UNESCO (2008, p. 8) ressalta: “Nossa língua sai em lamentações porque seus próprios filhos a abandonaram, deixando-a sozinha com seu pesado fardo”¹². Com efeito, o desejo de transmitir a língua vernácula como marca de identidade entra em conflito com as necessidades de comunicação quotidiana em um contexto multiétnico e com o desejo de integração na sociedade dominante.

O perigo que correm as línguas minoritárias não está ligado apenas ao número de seus falantes, mas também à situação de seu contato com o ambiente cultural agressivo da cidade, isto é, à pressão do wolof. Por ser a principal língua nacional, é importante ressaltar a vernacularização dessa língua em Dacar e sua veicularização no interior do Senegal (periferia). Assim, tem-se em Dacar o efeito fusional do Wolof, a língua de todos em uma comunidade urbana que se organiza em torno dos usos estabilizados desta língua.

A urbanização de cidades como Dacar é a força motriz da expansão do wolof como língua veicular. Sua utilização em qualquer cidade periférica faz sentido em referência à utilização no centro, Dacar e, por extensão, em todo território nacional.

Em Dacar, a apropriação vernácula do wolof parece ter resultado na estabilização de uma língua comum, em detrimento das línguas minoritárias. Segundo Calvet (1981, p. 93), “[...] é com essas pequenas negações que começam os grandes abandonos”¹³.

¹² Do original: “*Notre langue se répand en lamentations parce que ses propres enfants l’abandonnent, la laissant seule seule avec son lourd fardeau*” (UNESCO, 2008, p. 7).

¹³ No original francês: “*C’est peut-être par/ces petits reniements quotidiens que commencent les grands/abandons*” (CALVET, 1981, p. 93).

ECO-REBEL

Se a língua constitui um patrimônio, é preciso concordar em pagar o preço para protegê-la. Assim, tem-se por responsabilidade comum garantir que nenhuma língua morra contra a vontade da comunidade que a utiliza e que o maior número possível de línguas, independentemente de seu *status*, seja salvo e transmitido às gerações futuras.

Ante o exposto, a fim de evitar o desaparecimento das línguas minoritárias, o presente estudo propõe:

- A descrição sistemática de todas as línguas, o que requer um forte compromisso político por parte daqueles que estão no poder;
- A adoção de uma política explícita e mais responsável, visando garantir a promoção e proteção equitativa das 37 línguas presentes no território senegalês;
- A sensibilização das populações em geral e as minorias linguísticas em particular, para as questões da salvaguarda da glotodiversidade;
- O uso de todas as línguas descritas, isto é, línguas nacionais, na educação bilíngue, respeitando o tripé povo (P), território (T) e língua (L), muito nítido em muitas regiões do Senegal;
- A promoção de programas de transmissões de rádio e TV nas respectivas línguas, visando proporcionar oportunidades de expressão às respectivas comunidades em Dacar e nos nichos ecolinguísticos, bem como sensibilizar os jovens e as crianças para a necessidade de falar e compreender suas línguas maternas.

Referências

CALVET, Louis-Jean. *Les langues véhiculaires*. Paris: Presses Universitaires de France, 1981.

_____. *La guerre des langues et les politiques linguistiques*. Paris: Payot, 1987.

_____. La diversité linguistique: enjeux pour la Francophonie. *Hermès: La Revue*, n. 40, p. 287-293, 2004. DOI: <https://doi.org/10.4267/2042/9561>

_____. Les voix de la ville revisitées. *Sociolinguistique urbaine ou linguistique de la ville?* Revue de l'Université de Moncton, v. 36, n. 1, p. 9-30, 2005. DOI: <https://doi.org/10.7202/011987ar>

_____. Contacts de langues et geopolitique des langues romanes. *Cadernos de Letras da UFF* Dossiê: Línguas e culturas em contato n° 53, p- 29-38 29, 2016.

_____. Ville. *Langage & Société*, p. 341-344, 2021.

<https://doi.org/10.3917/l.s.hs01.0342>

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

KREMnitz, Georg. Du «bilinguisme» au «conflit linguistique». Cheminement de termes et de concepts. *Langages*, 15^e année, n° 61, 1981. Bilinguisme et diglossie. pp. 63-74; doi: <https://doi.org/10.3406/lgge.1981.1868>.

SENEGAL. Ministère de L'économie, du Plan et de la Coopération. Agence Nationale de la Statistique et de la Démographie. *Annuaire de la Population du Sénégal: année 2022*. Dacar, abr. 2023. Disponível em:

https://www.ansd.sn/sites/default/files/2023-04/ANNUAIRE%20POPULATION%202022_vf_DSdS.pdf

TERBORG, Roland. La “ecología de presiones” en el desplazamiento de las lenguas indígenas por el español. presentación de un modelo. *Forum: Qualitative Social Research*, v. 7, n. 4, 2006.

<https://doi.org/10.17169/fqs-7.4.167>

TERBORG, Roland; VELÁZQUEZ, Virna; TRUJILLO, Isela (Coords.). *Presiones que obligan a los hablantes de lenguas originarias, indígenas y minorizadas a abandonar sus lenguas*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, Escuela Nacional de Lenguas, Lingüística y Traducción, 2021.

TRUJILLO TAMEZ, Isela; TERBORG, Roland. Un análisis de las presiones que causan el desplazamiento o mantenimiento de una lengua indígena de México: el caso de la lengua mixe de

ECO-REBEL

Oaxaca. *Cuadernos Interculturales*, Universidad de Playa Ancha, Viña del Mar, v. 7, n. 12, p. 127-140, 2009. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/552/55211259007.pdf>

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC, AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). *La Journée Internationale de la Langue Maternelle (JILM): rapport sur les activités des Etats membres en faveur de la diversité linguistique et du développement de l'éducation multilingue, 2000-2007*. Paris: UNESCO, 2008. 38.

Aceito em 17 de julho de 2025.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 11, N. 2, 2025.